

# UBES: 60 ANOS EM DEFESA DO BRASIL

PARTE 2

Rafael Minoro e Artenius Daniel \*

ANOS 60 - 70

**Chega os anos 60: era a hora de ser jovem e fazer a diferença**

**N**os anos 60, enquanto o Brasil e o mundo viviam uma verdadeira revolução de costumes, pensamentos e acontecimentos, dois jovens estudantes secundaristas, um gaúcho e um baiano, levavam uma vida, digamos assim, “diferente”, na cidade do Rio de Janeiro. O que eles tinham em comum? Militavam na União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). Um deles era Políbio Braga, presidente da entidade, entre 1962 e 1963, o outro era seu vice-presidente. Políbio conta um pouco dessa história:

*Nossa sede era no mesmo edifício da UNE na Praia do Flamengo. Nós tínhamos o último andar; na verdade, era um terraço que foi adaptado para ser sede da UBES e dois diretores tinham um quarto no andar de baixo, pois tinha uma ala residencial, se é que se pode chamar assim. Esse quarto era ocupado só por mim e pelo baiano José Casalli Filho, que era meu vice-presidente*

Os tempos eram de mudança, de revoluções no mundo, de mudanças na música, no comportamento, nas roupas. Era a hora de ser jovem e fazer a diferença. Não eram somente os dois dirigentes da UBES que escolheram morar longe de casa, junto à sua maior paixão, o movimento estudantil. Vários outros estudantes moraram ali, como já revelou o ex-presidente da UNE no mesmo período, Aldo Arantes.



Os tempos eram de mudança, de revoluções no mundo, de mudanças na música, no comportamento, nas roupas. Era a hora de ser jovem e fazer a diferença.

## O lendário CPC

Foram inclusive as gestões de Aldo e Políbio que resolverem lançar, nos fundos daquela sededomicílio, um dos mais importantes movimentos culturais das últimas décadas, o Centro Popular de Cultura (CPC). A criação do espaço abrigou um movimento fortíssimo da arte nacional, que teve sua base no movimento estudantil com nomes como Cacá Diegues, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra, Oduvaldo Vianna Filho (Vianinha), Gianfrancesco Guarnieri, entre outros.

Apesar de tanta efervescência de idéias, da brisa, do sol e da vista do mar pela janela do Prédio na Praia do Flamengo, o tempo também fechava nos anos 60. Foi uma época de embate entre dois grupos, que terminou com uma verdadeira tragédia para a democracia do país. De um lado os jovens, os artistas, os intelectuais e todos que desejavam melhorar o Brasil e o mundo, com mais igualdade, mais justiça e, principalmente, mais mudanças na estrutura da sociedade. De outro, grupos conservadores, movimen-

tos burgueses e todos aqueles que não queriam mudar nada, muito pelo contrário, queriam retroceder nas mudanças que já estavam sendo feitas. Do lado do movimento social, um apoio importante, o do presidente da República, como lembra Políbio:

*O governo João Goulart podia ser considerado como nosso aliado e nós concordávamos com várias de suas palavras de ordem. Tanto que, num determinado momento, passamos a integrar a Frente de Mobilização Popular, que foi criada pelo Governador Brizola, no segundo semestre de 1962. (...) A Frente era integrada por parlamentares, a UNE, a CGT, a UBES, onze ou doze entidades. O manifesto de criação da Frente é assinado pelo Brizola, por mim, por mais umas doze ou quinze pessoas. A Frente visava acelerar as Reformas de Base que o Jango queria fazer.*

O outro grupo marcava pesado. Queimava os materiais da UBES e de outras entidades, entrava em conflito, inclusive físico, com os militantes da Frente e, principalmente, defendia uma ação autoritária do Estado para garantir seus interesses. Ela veio. Não por parte do presidente legítimo, João Goulart, mas através de uma ação inconseqüente, violenta e definitiva para a história brasileira.

### A chegada da ditadura

Prioridades da ditadura naquela fatídica noite de 30 de março para 1º de abril de 1964: primeiro, tomar o poder. Segundo, invadir, destruir e incendiar aquele prédio, aquele da Praia do Flamengo, o mesmo que era casa de Políbio, de José, de Aldo e de milhões. Os estudantes incomodavam a ditadura e, para ela, melhor era fogo neles. Começava um período tenso, marcado por perseguições, violência e censura, o tempo havia fechado de vez. “De 64 a 72, fiquei alterando períodos na cadeia e fora dela. Na verdade, eu fui preso 15 vezes”, relembra o ex-presidente da UBES entre 62 e 63.

Essa era a realidade de muitos, que tiveram de arriscar e se virar como podiam para manter o movimento vivo. Outro ex-dirigente da entidade, Bernardo Joffilly, também se lembra das dificuldades desse momento:

*Em 1965, a Lei Suplicy, que criou o Diretório Nacional Estudantil, tentou também criar algo similar no movimento secundarista. A nossa tarefa, então, era a mesma: resistir e manter a UBES funcionando. Tanto no movimento secundarista, como no dos universitários, se criou uma certa legalidade de fato. As entidades eram ilegais, mas atuavam abertamente*

O ano de 1968 tornou-se sinônimo de uma rebelião estudantil mundial. Praticamente em todo o mundo os estudantes, universitários e secundaristas, foram às ruas, entraram em confronto com a polícia, realizaram greves e levantaram bandeiras de diferentes matizes. Era toda uma geração influenciada pelas revoluções cubana e chinesa, pelas guerras da Argélia e do Vietnã, pelas idéias de Che Guevara, Mao Tse-tung, Ho Chi Minh e os Panteras Negras.

Essa situação se sustentou até o ano de 1968, considerado por muitos o ano mais importante do século XX no mundo. Novas idéias na França, flores contra a guerra nos Estados Unidos, o homem chegando à Lua e, no Brasil, dois acontecimentos marcantes: a grande comoção pela morte de um estudante secundarista, a grande resistência à ditadura e o contra-ataque do regime com o Ato Institucional número 5.

### “Aqui está o corpo de um estudante morto pela ditadura”

O ano de 1968 tornou-se sinônimo de uma rebelião estudantil mundial. Praticamente em todo o mundo os estudantes, universitários e secundaristas, foram às ruas, entraram em confronto com a polícia, realizaram greves e levantaram bandeiras de diferentes matizes. Era toda uma geração influenciada pelas revoluções cubana e chinesa e pelas guerras da Argélia e do Vietnã. Jovens influenciados pelas idéias de Che Guevara, Mao Tse-tung, Ho Chi Minh e os Panteras Negras. O vice-presidente da UBES na época, Bernardo Joffilly, contextualiza o momento:

*O ano de 1968 foi de muita agitação. Em qualquer país que você pensasse, havia efervescência. O ano de 1968 foi meio mágico. Toda semana tinha agitação; às vezes, todo dia. Era uma época de agitação muito grande. Depois do AI-5 isso tudo desapareceu.*



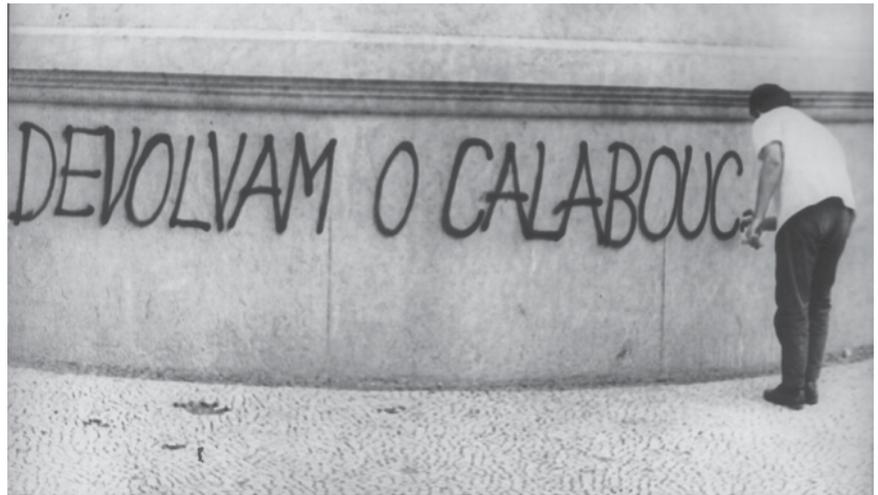
As bandeiras de 1968 influenciaram também os jovens dos EUA

No Brasil, as lutas estudantis e o processo de radicalização política que culminaram em 1968 começaram alguns anos antes, mais especificamente em 1966, quando ocorreram violentos confrontos entre estudantes e tropas policiais. Mas, por aqui, o ano que começou com enormes motivações, grandes propostas e grandes esperanças foi logo sufocado pelo Ato Institucional nº 5, em dezembro daquele ano, radicalizando e aperfeiçoando os dispositivos repressivos do regime militar.

Mas antes desse recrudescimento da ditadura, naquele ano que não acabou, como descreveria mais tarde Zuenir Ventura, mais precisamente às 18h20 do dia 28 de março de 1968, um triste acontecimento marcaria todo o momento das lutas envolvendo a juventude brasileira pela liberdade democrática: a morte do estudante secundarista Edson Luís Lima Souto, um jovem pobre de 18 anos que viera de Belém do Pará para tentar ingressar em uma faculdade no Rio de Janeiro.



Naquele ano que não acabou, como descreveria mais tarde Zuenir Ventura, mais precisamente às 18h20 do dia 28 de março de 1968, um triste acontecimento marcaria todo o momento das lutas envolvendo a juventude brasileira pela liberdade democrática: a morte do estudante secundarista Edson Luís Lima Souto.



Ao lado, capa da Revista Fatos e Fotos retratando o velório do Estudante Édson Luís, cujo corpo aparece na foto abaixo, rodeado por estudantes. Março de 1968. Acima, pichação em favor do restaurante "Calabouço". Rio, 1968

### Do Calabouço para o túmulo

O trágico episódio envolve o restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, que servia refeição a um preço baixíssimo e era frequentado por milhares de estudantes diariamente. Era, portanto, um centro de ebulição natural dos anseios da juventude daquele período. A ditadura, no entanto, lançou a idéia de demolir o local e usou como pretexto a construção de um viaduto no lugar. O Calabouço ficava entre o aeroporto Santos Dummont e a Praça Quinze, na altura dos anéis no fim do aterro da Praia do Flamengo.

Relata Bernardo Joffily que

*No dia 28 de março, o pessoal resolveu fazer uma passeata contra o fechamento do restaurante, mais ou menos com duzentos estudantes. Logo a polícia chegou com seus*

*cassetetes e, aí, o pessoal começou a jogar pedra. Então, como reação às pedras, o comandante da operação [general Osvaldo Niemeyer Lisboa], alegando inferioridade de poder de fogo - foi essa a declaração que ele deu depois à imprensa - mandou os policiais usarem as armas*

O escritor Arthur Poerner, em seu livro *O Poder Jovem*, chega a ironizar a declaração do general: "O militar revolucionava toda a teoria sobre armamentos, ao considerar garfos, colheres, bandejas e facas de cozinha armas mais poderosas que revólveres e pistolas calibre 45".

Outra obra, "Memórias Estudantis", de Maria Paula Araújo, traz o relato do historiador João Roberto Martins Filho sobre o assassinato:

*[...] Segundo testemunhas o estudante tentou correr,*

*mas seus joelhos se dobraram, no rosto um olhar mais de espanto que de dor. A bala veio da direita, da entrada da galeria que dava para uma transversal da avenida General Justo [...] O rapaz foi atingido no peito. Os estudantes carregaram-no em passeata até o prédio da Assembléia Legislativa, onde entraram à força. Até chegar o caixão, o corpo ficou exposto sobre uma mesa. Sem camisa, coberto até a cintura por uma bandeira, um cartaz improvisado pendendo para frente permaneceu protegido por um grupo de militantes que impedia a aproximação de estranhos*

### Um levante popular, uma comoção nacional

A morte de Edson Luís marcou o início de um processo de radicalização política de con-

frontos violentos entre a polícia e os estudantes. Uma demonstração chocante da violência que a repressão policial passou a usar contra os estudantes se deu poucos dias depois, na missa de sétimo dia, na Igreja da Candelária, quando a cavalaria da PM literalmente atropelou alguns estudantes.

A partir daí, instalou-se um momento de grande efervescência no país, principalmente entre os estudantes. Muitas pessoas começavam a enxergar a verdadeira face da ditadura, e aquele assassinato gratuito, de um estudante pobre de 18 anos, foi realmente um marco, um catalizador que levou os estudantes a procurarem total integração com o povo. Assim, começou no Rio e em todo o Brasil uma nova ascensão do movimento estudantil.

O militante da União Metropolitana dos Estudantes do Rio, Vladimir Palmeira, sublinha que, até 1968, a orientação geral das manifestações era pacífica, mas que tudo mudou após o assassinato do jovem Edson.

A primeira demonstração de que as coisas não eram mais as mesmas se deu em 19 de junho, no episódio conhecido como a “Quarta-feira sangrenta”. Após uma manifestação no Ministério da Educação, pela primeira vez os estudantes enfrentaram a polícia, apanharam e bateram. No outro dia, 20 de junho, mais confronto com a ocupação do prédio do Conselho Universitário, na Praia Vermelha. E no dia seguinte, 21, uma nova manifestação na Praça Tiradentes, com apoio da população e muita repressão e cacetada (fala-se até em mortes, não comprovadas), ficou conhecida como a “Sexta-feira sangrenta”.

Tudo isso foi pavimentando um caminho que levou ao ponto máximo da mobilização estudantil entre 26 de junho e 4 de julho, nos protestos que foram depois denominados de “Passeatas dos 100 mil”, embora muitos

ex-militantes, como o jornalista Franklin Martins, atual ministro do governo Lula, acreditem que tenham comparecido às ruas naqueles dias mais de milhão de pessoas. Poerner vê assim toda essa movimentação:

*As passeatas dos 100 mil criaram no país um clima que deu a muita gente a impressão de que se avizinhava uma nova fase de abertura democrática. A sensação iminente de democratização fez com que muitos perdessem o medo e decidissem dar a sua parte para construção de uma sociedade mais livre e justa no Brasil*

### Então veio o AI-5, e o tempo fechou...

Em dezembro de 1968 a ditadura militar, de uma só vez, fechou o Congresso Nacional por prazo indeterminado; cassou mandatos de senadores, deputados, prefeitos e governadores; interveio no Poder Judiciário, inclusive demitindo juízes; decretou estado de sítio; suspendeu a possibilidade de qualquer reunião; recrudescer a censura, determinando a censura prévia que se estendia à música, ao teatro e ao cinema; suspendeu o “habeas corpus” para os chamados crimes políticos. Esse era o Ato Institucional número 5, ou AI-5.

O decreto deu início a um período totalmente obscuro para os estudantes, com o Estado criando seus próprios mecanis-

mos e subterfúgios para perseguir, torturar e matar quantos quisesse. Desde esse ano até o fim dos anos 70, a UBES funcionava somente em pequenas e heróicas organizações clandestinas, como o Conselho de Salvador, em 1969, com cerca de 120 estudantes.

“Foi uma aventura, mas nós acabamos conseguindo fazer umas seis reuniões parciais, quebrando um galho para que não se perdesse a possibilidade de um mínimo de discussão”, lembra Bernardo Joffily, que ficou hospedado por dois meses, e sem nenhum custo, na casa de um humilde ex-soldado baiano, solidário à UBES e aos estudantes.

Através de uma lei federal, os grêmios estudantis foram transformados nos chamados centros cívicos, em uma estratégia da ditadura para enfraquecer ainda mais o movimento secundarista. Com o terror instalado, a UBES ficou enterrada e os estudantes foram se dispersando aos poucos, até que o movimento cessou. Alguns partiram, individualmente, para a luta armada. Outros esperaram o enfraquecimento do regime. Eles iriam se encontrar, novamente, na Bahia, 10 anos depois, com muito mais força e uma tarefa fundamental, a reconstrução. 

*(continua na próxima edição de Juventube.br)*

\***RAFAEL MINORO** E **ARTENIUS DANIEL** são jornalistas, colaboradores do Portal estudantenet. \*Colaborou Raísa Luisa de Assis Marques, diretora de memória do CEMJ.

Os grêmios estudantis foram transformados em centros cívicos, em uma estratégia da ditadura para enfraquecer ainda mais o movimento secundarista. Com o movimento impedido de se manifestar, alguns estudantes partiram, individualmente, para a luta armada. Outros esperaram o enfraquecimento do regime. Eles iriam se encontrar, novamente, na Bahia, 10 anos depois, com muito mais força e uma tarefa fundamental, a reconstrução.